Fernanda Régila da Mata Santos

HÁBITO DE LAZER DE MULHERES HOMOSSEXUAIS E BISSEXUAIS NA CIDADE DE BELO HORIZONTE

Belo Horizonte
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional – UFMG
2013

Fernanda Régila da Mata Santos

HÁBITO DE LAZER DE MULHERES HOMOSSEXUAIS E BISSEXUAIS NA CIDADE DE BELO HORIZONTE

Monografia apresentada ao curso de graduação da escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Cleber G. Dias

Belo Horizonte
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional – UFMG
2013

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que se mantiveram ao meu lado por todo esse longo percurso.
Agradeço a minha mãe pelo amor, por sempre me incentivar a continuar e me apoiar em decisões difíceis.
Ao Grupo Teresa pela compreensão nos momentos em que o tempo de dedicação era escasso e mesmo assim me doavam toda a força e alegria para seguir em frente.
Agradeço a Bel, Caroline e todos os amigos que tanto me incentivaram, mesmo depois de ouvirem exaustivos desabafos.
Agradeço aos meus professores do curso de Educação Física/ UFMG pela dedicação.
Aos meus companheiros de curso que muito me ensinaram.
Ao Sílvio e ao PET Lazer pela alegria, carinho, compreensão, companheirismo e conhecimento. Muito mais que amigos.
Agradeço à Marcília, Juliana, Marie e ao ORICOLÉ pela sabedoria compartilhada.
Agradeço as voluntárias que se dedicaram a responder o questionário que tornou possível esse estudo.
Por fim, agradeço o meu orientador Cleber, por conseguir o “quase impossível”. Agradeço imensamente a compreensão, o carinho, a paciência, a bela orientação, o conhecimento e o incentivo.

Dedico a todos, pois sem vocês nada disso seria possível.

Obrigada.

RESUMO

O lazer, quanto direito e quanto manifestação humana, acontece de diferentes maneiras para cada sujeito, pois está relacionado às experiências e a cultura em que este sujeito está inserido. Desse modo, como forma de contribuir para construção de novas percepções, o presente estudo tem como objetivos: (a) identificar os hábitos de lazer de mulheres homossexuais e bissexuais na cidade de Belo Horizonte; (b) verificar a frequencia de utilização dos equipamentos públicos e privados de lazer da cidade; (c) comparar esta freqüência entre os espaços públicos e privados e (d) analisar como se configura o preconceito em ambos. Por meio de um questionário online, estruturado na Escala Likert, foram coletadas as informações a respeito da frequencia de utilização de determinados equipamentos de lazer da cidade de Belo Horizonte e a incidência de preconceito nesses espaços. Os resultados mais expressivos foram obtidos para os equipamentos privados de lazer não específicos para o público homossexual. Esse resultado vai de encontro aos relatos, que demonstrou alta incidência de preconceito nesses equipamentos. Foi possível perceber uma readequação constante de posturas e atitudes como caracterização do espaço.

Palavras-chave: Lazer. Minorias Sociais. Homossexual.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO..... 6

OBJETIVOS..... 7

METODOLOGIA 8

O LAZER DA MINORIA..... 10

DISCUSSÃO E RESULTADOS.....13

CONCLUSÃO..... 23

REFERÊNCIAS..... 24

1. INTRODUÇÃO

Durante todo o meu percurso acadêmico convivi com a premissa de que boa pesquisa não é aquela que simplesmente responde o problema, mas que gera mais perguntas. Os principais questionamentos desse estudo surgiram a partir de Tavares (2011), que investigando a atuação profissional de lazer nas ONGs LGBT[1] de Belo Horizonte, citou um momento em que o espaço de um parque da cidade "cessou" uma possibilidade de lazer proposta por uma das ONGs estudadas, a ALÉM[2]. A Associação mantinha no parque uma oficina de percussão que foi "fechado para isso" com a justificativa de que o barulho incomodava os frequentadores, mas segundo a entrevistada não seria somente esse o motivo. Ela argumentou que o som produzido não possuía uma potência muito alta, que não possuíam aparelhos específicos para tal e que os freqüentadores do parque até se interagiam com a oficina.

> "Quando fazíamos as oficinas lá, as pessoas chegavam, gostavam, elas se interagiam conosco [...] Eu acho que é uma maneira que eles encontraram de nos afastar do parque, até porque shows acontecem ali. Há alguns meses atrás, aconteceu um show do Paulinho Pedra Azul lá no Parque [...] eu não acredito que seja por causa do barulho não, essa alegação que eles tiveram não me convence" (TAVARES, 2011, p. 126).

A possível marginalização citada no depoimento é consequencia de uma organização histórica a respeito da homossexualidade. Na década de 90, esse comportamento era categorizado pela medicina como "desviantes" e esse foi o discurso que dominou por grande parte desse período. Porém, o movimento homossexual passou a ter maior visibilidade em meados da mesma década tendo como um dos seus objetivos se opor aos argumentos propostos pelo hegemônico discurso da medicina (QUEIROZ, 2008). França (2007) considera que esse movimento ganhou força devido ao aparecimento da AIDS, pois o fato possibilitou ao

[1] Movimento que luta pelos direitos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros.
[2] Associação Lésbica de Minas Gerais fundada em 1997.

grupo uma mudança na aproximação e comunicação junto ao Estado. Louro (2001), porém, argumenta que essa visibilidade focou em seu discurso a prática sexual, deixando de lado um fator importante, a identidade sexual.

Considerando que o saber traz consigo uma forma de poder, a homossexualidade se tornou objeto de muitos estudos. A teoria *queer* surge com perspectivas importantes na reorganização do poder por meio de diálogos antes reprimido. Os homossexuais, antes tácitos perante teorias e diagnósticos, a partir desse ponto tomaram em rédeas um diálogo envolvendo áreas consideradas distintas e distantes da sexualidade (FRANÇA, 2007). Em relação às construções acadêmicas, apesar das divergências envolvendo os teóricos *queer,* que rendiam longos debates e discussões intensas, seus argumentos, sendo um deles a transgressão dos pensamentos dominantes, convergiam em pontos comuns importantes para a manutenção dos ideais defendidos pelo grupo. Suas percepções partiam para além das noções políticas e econômicas (LOURO, 2001).

Corroboro com Tavares (2011), quando afirma que o acesso e a ocupação do espaço público pelo grupo LGBT acontecerá após a politização da população envolvida e a mudança na crença de uma hierarquia cultural. E desse modo, destaco as seguintes questões como norte desta pesquisa: atualmente quais seriam os espaços frequentados por lésbicas na cidade de Belo Horizonte nos seus momentos de lazer? Haveria um espaço, entre os equipamentos públicos ou privados, que seria mais frequentado por este grupo? Já teria sofrido ou presenciado preconceito em algum desses lugares?

A relevância desta pesquisa se dá como possibilidade de contribuir com a construção de um perfil do lazer de mulheres homo e bissexuais na cidade de Belo Horizonte, auxiliando na realização de políticas públicas para este público e possibilitando um debate sobre o lazer, a homofobia[3] e o respeito aos direitos da mulher.

2. OBJETIVOS

Desse modo, como forma de contribuir para construção de novas percepções, o presente estudo tem como objetivos: (a) identificar os hábitos de lazer de mulheres

[3] Homofobia entendida aqui como repulsa ou preconceito contra quem sente atração ou tem relações afetivas com pessoas do mesmo sexo.

homossexuais e bissexuais na cidade de Belo Horizonte; (b) verificar a frequencia de utilização dos equipamentos públicos e privados de lazer da cidade; (c) comparar esta freqüência entre os espaços públicos e privados e (d) analisar como se configura o preconceito em ambos.

3. METODOLOGIA

Amostra e coleta

O grupo estudado foi composto, em sua maioria, por mulheres homossexuais, com o ensino superior incompleto e com a idade média de 25,4 anos. Acredita-se que esse perfil tenha se definido pelo modo com que a coleta foi organizada.

A amostra corresponde ao número de questionários respondidos no período em que ficou disponível on-line. O tempo de coleta foi de 15 (quinze) dias. O questionário ficou disponível para resposta de 12 (doze) horas do dia dois do mês de julho a 20 (vinte) horas do dia 16 (dezesseis) do mesmo mês, alocado na plataforma online Google Drive[4] e o link de acesso foi distribuído em duas redes sociais: uma de uso exclusivo de mulheres homo e bissexuais, Leskut[5], na comunidade “Lésbicas BH/MG”, considerada mais eficiente pelo maior número de participantes agregados. Outra rede social utilizada foi o Facebook[6], de uso geral, porém em um grupo específico para esse público: Associação Lésbica de Minas. Além disso, ao final do questionário, a mensagem “Muito obrigada pela contribuição. Se possível envie o link abaixo a uma amiga” possibilitou o envio do link para acesso ao questionário por outras pessoas fora desse círculo das redes sociais, o que possivelmente pode ter criado um efeito “bola de neve” nesse sentido.

[4] É um serviço de armazenamento e sincronização de arquivos, apresentado pela Google. Permite o acesso de diferentes pessoas a um mesmo documento.
[5] Rede social criada em 2008, exclusiva para lésbicas e mulheres bissexuais.
[6] Site e serviço de rede social que foi lançada em fevereiro de 2004.

Instrumentos e Análise de Dados

1	NUNCA	POUCO FREQUENTE
2	POUCO	
3	RAZOAVELMENTE	NEUTRO
4	FREQUENTEMENTE	MUITO FREQUENTE
5	SEMPRE	

Foi avaliada a frequência de utilização do tempo de lazer relacionando: espaços e companhia. Para simbolizar essa frequência foi utilizada a Escala Likert (EL), que segundo BANDEIRA (2003) “é mais utilizada nas ciências sociais, especialmente em levantamentos de atitudes, opiniões e avaliações. Nela pede-se ao respondente que avalie um fenômeno numa escala de, geralmente, cinco alternativas”. (BANDEIRA, 2003, p.11). Nas alternativas do questionário a escala foi enumerada de 1 a 5, que representou as repostas “nunca”, “pouco”, “razoavelmente”, “frequentemente” e “sempre” respectivamente. Na avaliação dos dados, essa frequência foi organizada em três grupos: as opções 1 e 2 representaram o grupo de “pouco freqüente” e 4 e 5 o grupo de “muito freqüente”.

A opção 3 foi considerada uma resposta “neutra”, ou seja, o termo “razoavelmente” é utilizado como uma transição entre os dois grupos. Essa é uma característica da EL, pois se considera que em uma escala que represente escolhas, é necessário que alguma opção pondere uma resposta indefinida. Isto não acontecendo “o respondente provavelmente deixaria o item em branco, não sendo conveniente estimular esse comportamento apresentando a alternativa ‘mais ou menos’”. (BANDEIRA, 2003, p.12). No tratamento dos dados, foi utilizada a resposta com maior frequência – frequência absoluta – e sua representatividade diante do número total, frequência relativa.

4. O LAZER DA MINORIA

Instituído como direito desde 1988 e enquanto manifestação humana, o lazer se configura de diferentes formas para diferentes grupos da população. De fato, a "Constituição de 88" foi um marco na mudança da percepção e tratamento do lazer pelo governo. Isso aconteceu, contudo, de maneira secundária, esportivizada e em um discurso funcionalista, ou seja, os governantes viam o lazer como uma ferramenta para o descanso voltado para a força de trabalho. Seguindo essa vertente, o lazer pode ser considerado como uma "invenção moderna" em terras brasileiras, mas o discurso do lazer já acontecia no meio acadêmico dentro e fora do país.

Para Dumazedier (1980) a divisão nítida do tempo de trabalho e do tempo livre foi uma das situações que historicamente marcou o início do lazer. O mesmo autor ainda argumenta que uma das características do lazer é o caráter pessoal, recuperador e libertador das tensões diárias (DUMAZEDIER, s/d apud SAMPAIO *et al*., 2001). Todavia, Marcellino (2003) argumenta que o lazer existe como possibilidade potencial de descanso e divertimento, mas não pactua correto resumi-lo apenas como recuperador da força de trabalho ou libertador de tensões, pois isto contribui para a indiferença à desigualdade social.

Por isso, devido suas infinitas possibilidades, às constantes mudanças no sistema econômico – organização do tempo de trabalho x tempo livre – e às diferentes concepções de lazer, compreenderemos o lazer como:

> "uma dimensão da cultura constituída pela vivência lúdica de manifestações culturais no tempo/espaço conquistado pelo sujeito ou grupo social, estabelecendo relações dialéticas com as necessidades, os deveres e as obrigações – especialmente com o trabalho produtivo." (GOMES, 2004, p.125)

Nesse conceito, podemos perceber que o lazer e o espaço estão intimamente ligados, segundo Gomes (2004) o espaço-lugar é um dos quatro elementos que compõe o lazer e estão interligados entre si. Para a autora, o espaço-lugar está além da estrutura física, pois se estende também a forma com que os sujeitos se apropriam e o transforma em um ambiente comum, propícios a encontros e o convívio social. Além do espaço-lugar, ainda sob essa compreensão de lazer, existem o tempo, as manifestações e as atitudes. O tempo relaciona-se a todas as

vivências de lazer, transcendendo os limites institucionais destinados a ele. As manifestações culturais são todas as práticas acontecidas durante esse tempo, que contém significados próprios a cada momento e sujeito. Por fim, as atitudes relacionam-se diretamente com a ludicidade e as diferentes expressões humanas (GOMES, 2004). Magnani (2002) ainda relaciona o lazer e o espaço, como um processo de construção de identidade. Sendo que essa identidade é o que caracteriza as categorias e vai além da relação com o espaço físico.

Uma das categorias é o pedaço, nele há um ressignificado do espaço para atender às necessidades daqueles que o frequentam, permitindo que aquele ambiente assuma um referencial distinto de um público.

> "Quando o espaço – ou um segmento dele – assim demarcado torna-se ponto de referência para distinguir determinado grupo de freqüentadores como pertencentes a uma rede de relações, recebia o nome de 'pedaço'" (MAGNANI, 2002, p.21)

Uma praça, um bar, um campo de futebol, para além de equipamentos de lazer, eles são elementos que compõe os limites de um território demarcado pelas estruturas físicas e sociais, pois o pedaço se configura não só fisicamente, mas socialmente. Para ser do pedaço não basta frequentar determinados lugares, é necessário se envolver e pertencer às diferentes relações que neles se organizam. É uma relação entre iguais em que "todos sabem quem são, de onde vêm, do que gostam e o que se pode ou não fazer".

Nesse sentido, Juliana Perucchi (2008), sob a ótica da psicologia, investigou a relação de algumas freqüentadoras com uma boate "GLS" [7] do centro de Florianópolis. Elas identificaram o local como um "espaço de proteção e liberdade ao mesmo tempo em que transcende sua função de entretenimento e lazer" (PERUCCHI, 2008, p. 64). A autora estudou especificamente um grupo de lésbicas e concluiu que entre elas e a boate existia uma ligação de proteção, pois estavam em um lugar onde todos eram iguais.

> É nesse campo da experiência que se processam tanto o reconhecimento da vivência pessoal das sensações e percepções corporalmente significadas, quanto a identificação social dos sujeitos com os outros que também vivenciam tais experiências (PERUCCHI, 2008. p. 64).

[7] Conceito norte-americano que designa e agrupa gays, lésbicas e heterossexuais simpatizantes do movimento.

Além de pedaço, existe ainda mancha, trajeto, pórtico e circuito que se orientam como um “mapa” pela cidade.

É possível perceber como todos os elementos influenciam o lazer e por isso as experiências são diferenciadas entre os sujeitos. Contribuindo para as experiências (ou a ausência delas) o espaço, em sua dimensão mais ampla, foi um dos grandes precursores para a inserção da indústria cultural no campo do lazer. Por volta dos anos 90, ele se tornou um dos maiores investimentos do mercado, o que contribuiu para o surgimento de uma nova indústria de “Lazer e entretenimento” (MELO, 2003, p 22).

O mercado percebeu o potencial dessa vertente e captou as demandas de públicos específicos, seja em espaços ou serviços. Porém, se o lazer estiver direcionado exclusivamente a um público, isso não contribuiria para reforçar a segregação? Que muitas vezes acontece de modo sutil. Acredita-se que há a necessidade de um lazer diferenciado. A questão é que, até quanto diferenciado? Sabe-se que a segregação parte de “fora para dentro”, ou seja, separando o que é diferente de uma maioria. Entretanto, há também uma segregação dentro do próprio grupo. Uma visão generalizada de um determinado de uma minoria social leva a uma visão homogeneizada desse grupo, desconsiderando as necessidades específicas dos sujeitos, as diferentes culturas em que estão inseridos e aos diversos tipos de preconceitos vividos. Nesse sentido, Melo (2003) defende que

> “é necessário questionar um mercado claramente seletivo, somente acessível em toda a sua plenitude aos privilegiados economicamente, e a ação da indústria cultural, cada vez mais forte, propagando uma visão de cultura linear, superficial e unidimensional, restringindo as possibilidades de vivências de lazer da população e colocando em risco as manifestações tradicionais da cultura popular.” (MELO, 2003. p. 23).

Na busca por esse questionamento é preciso compreender que o termo minoria social representa não necessariamente uma inferioridade numérica dos seus membros, mas uma “maioria silenciosa” (LOURO, 2001, p. 542). Além disso, o termo “minoria” pode ser compreendido também por uma baixa representatividade no poder, ou seja, são “grupos que podem até ter um número elevado de membros, mas que têm menor acesso aos mecanismos de poder” (MELO, 2003, p. 24).

Historicamente uma mulher negra e homossexual, sofreria mais preconceito que uma mulher branca heterossexual. O fato de ser mulher é comum as duas, porém, a etnia e a orientação sexual, diferem os preconceitos a serem sofridos. Na somatória desses preconceitos, os diferentes grupos de minorias sociais representam, ao mesmo tempo, uma parte e uma totalidade. Isto é, uma mulher negra e homossexual defende os direitos das mulheres, dos negros e dos homossexuais.

Desse modo, sendo o lazer uma manifestação humana que está diretamente relacionado à formação de identidade e direitos, todos os aspectos que restringem as experiências dessa manifestação devem ser repensados, pela população e pelo estado, de modo que as minorias sociais, nas suas diferentes culturas, possam se sentir representados em todo o espaço urbano. Mesmo cientes das limitações pessoais, que estes percebam políticas que incentivem e possibilitem uma ampla vivência nos diferentes conteúdos do lazer.

5. DISCUSSÃO E RESULTADOS

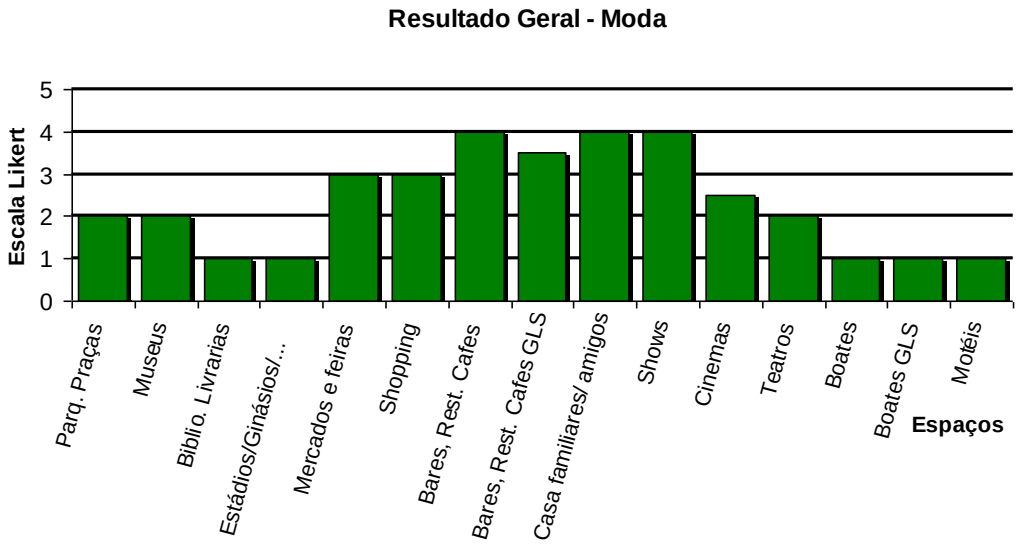
O espaço, o preconceito, a família, o dinheiro, a escolaridade todos esses fatores influenciam para a restrição do lazer de homossexuais. Todos esses quesitos se relacionam e se ligam de modo que o lazer deste grupo se molde às possibilidades existentes. Sabe-se que a escolaridade é um dos principais fatores que delineia o lazer vivenciado pelo sujeito. Botelho e Fiore (2005) investigaram o lazer em São Paulo e concluíram que a escolaridade estava intimamente ligada aos hábitos de lazer. Observaram que uma pessoa com alta escolaridade tem 36 vezes mais chances de vivenciar as diferentes manifestações do lazer, que outra de baixa escolaridade e que em uma escolaridade média essa chance cai para 6 vezes. No presente estudo, os voluntários organizaram em 7 pós graduados em nível superior, 14 graduados em nível superior, 27 graduandos de nível superior, 4 com ensino médio completo e 3 com o ensino médio incompleto, configurando assim, em uma maioria de alta escolaridade. Apesar de os hábitos desse grupo ser representativo em três espaços específicos, deve se avaliar que houve uma grande representatividade das respostas em uma avaliação geral.

Além da escolaridade, o preconceito e a família também influenciam as escolhas de lazer. Segundo IBOPE (2013), 31% homossexuais entrevistados não se assumem para a família e os motivos disso acontecer variam entre medo de

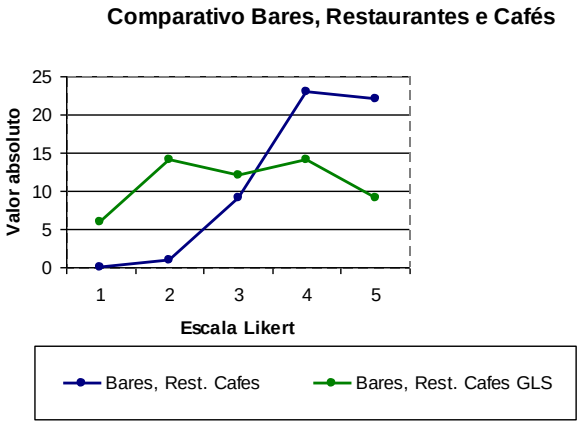
rejeição, medo de ser expulso de casa, vergonha, por não aceitar a si mesmo ou por razões religiosas. Além do medo do preconceito dentro da própria família, ainda existe o preconceito da sociedade, que muitas vezes resulta em agressões física e/ou verbais. Para fugir de eventuais constrangimentos o homossexual prefere frequentar os espaços/equipamentos que mais lhe ofereça segurança e intimidade. E é nisso se baseia o argumento de que se faz necessário um espaço apropriado para os homossexuais demonstrarem o seu afeto, mesmo que para isso paguem um alto preço. O dinheiro é outro fator importante para a delimitação do hábito de lazer e é citado por muitos autores. A diferença entre os espaços pelas classes sociais é perceptível e não se restringe somente pelas quantias a serem pagas, mas pelos códigos criados nesses espaços. Este representa um exemplo de segregação dentro de um mesmo grupo social. Dos voluntários, apenas 1 pessoa (0,01%) está alocada na Classe A (com o salário acima de R$ 7.475,00), o valor representativo de respostas, 30 (54%) no total, se encontram na classe B (com salário entre R$ 1.734 até R$ 7.475), 14 (25%) na C e 10 (18%) na D.

Entre todos esses fatores que determinam o hábito de lazer de homossexuais, a companhia também foi verificada como importante agente na escolha. Em relação à companhia, foi possível constatar que há uma maior incidência desse grupo em sair acompanhada. Confrontando as opções de frequência de saídas “acompanhadas” e “sozinhas”, 65,4 % afirmaram que saem “frequentemente” a “sempre” acompanhadas, enquanto apenas 10,9 % do mesmo grupo optam por fazerem isso, sozinhas.

Quanto aos espaços freqüentados por elas, a seguinte pergunta encabeçava o questionário: “Com que frequência você utiliza os lugares/ espaços culturais e de lazer em BELO HORIZONTE quando quer passear, divertir ou entreter-se?” Comparando as opções mais escolhidas, temos a seguinte ordem: partindo pelo mais freqüentado são Bares, Rest. e Cafés, Casa familiares/ amigos, Cinemas, Shows, Shopping, Bares, Rest. e Cafes GLS, Mercados e feiras, Parques. e Praças, Bibliotecas e Livrarias, Teatros, Museus, Boates GLS, Boates, Motéis e Estádios/Ginásios/ Quadras.



O resultado mais expressivo foi a opção “bares, restaurantes e cafés”, este obteve 41,8% das escolhas pela opção “frequentemente”, sendo que a opção “sempre” ainda recebeu 40% das respostas. Desse modo, 81,8 % das respostam apontam para “muito frequente”. Isso reforça o resultado de outros estudos, relativizando, portanto a especificidade das opções desse grupo social, especificamente. Bares, restaurantes e cafés foram considerados o espaço com maior frequência, recebendo um total 45 votos (81,8 %) no grupo “muito frequente”. Contrapondo a esse resultado, a opção “bares, restaurantes e cafés GLS” não recebeu uma resposta tão contundente. As escolhas vagaram entre “pouco” e “frequentemente”.



O resultado foi bimodal, ou seja, tanto a opção “pouco”, quanto a opção “frequentemente” receberam o mesmo número de marcações. Se analisar a diferença pouco significativa entre as duas respostas mais marcadas (2 e 4) e a opção 3, que descreve uma incerteza na resposta, percebe-se que não está clara uma definição de preferência quanto a estes espaços GLS.

Mesmo diante dessa indefinição, é crescente o número de estabelecimentos GLS na cidade. Segundo a organização não governamental “Libertos Comunicação”,

responsável pela publicação do Guia BH GLS[8], houve uma variação no número de estabelecimentos comerciais desse seguimento. Na 1ª edição, em 2004, havia 37 estabelecimentos entre bares, boates, saunas, café, restaurante e cine. Em 2011, Belo Horizonte possuía um total de 46 espaços GLS. Porém, mesmo crescente, quando comparados ao número de bares que não se definem GLS, percebe-se uma diferença significativa. Existem aproximadamente 12 mil "botecos"[9] na cidade, sendo estes bares, restaurantes e assemelhados. Logo, o lazer nesse tipo de equipamento se tornou (forçadamente?) parte da cultura dos belorizontinos, pois esses números a torna a cidade com o maior número de bares e restaurantes per capita do Brasil.

A diferença no número de estabelecimentos pode ser uma das variáveis que interferiram nesse resultado, porém em relação ao mercado GLS do Rio de Janeiro, Baldanza (2003) constatou que o preço também influenciava as escolhas. Segundo a autora, é grande o número de homossexuais que frequentam as "Casas GLS", mesmo sabendo que nestes lugares há uma exploração no fator financeiro. A autora alega que estar nesses lugares não significa alienação, mas uma opção consciente de lazer.

> É interessante observarmos que, muito embora se considerem explorados, não deixam de freqüentar esses locais. Então, freqüentar determinado lugar, não necessariamente indica: que o indivíduo esteja alienado quanto à representatividade deste e desconheça as vantagens e desvantagens de sua opção. (BALDANZA, 2003, p.8)

Assim, a junção da baixa oferta de espaços, com os altos preços cobrados, pode ser uma das causas do público homossexual e bissexual feminino não se definirem quanto escolha das "Casas GLS", mesmo cientes das "vantagens e desvantagens de sua opção".

Em seguida a opção "casas de familiares e amigos" surge como a segunda maior resposta. Do total, 20 pessoas (36%) responderam que "frequentemente" e outras 19 (34%) responderam que "sempre" fazem esse tipo de programa, somando assim 70% "muito frequente". Esse resultado reforça outros estudos a respeito,

[8] Guia publicado a cada dois anos que contém o roteiro de todas as casas afins da cidade, os endereços das ONGs e centros de referência LGBT, locais onde fazer o teste HIV gratuito, telefones úteis e os principais pontos turísticos e culturais da cidade.

[9] Belo Horizonte foi eleita a capital mundial dos botecos, segundo Lei Nº 9.714 de 24 de junho de 2009.

como Botelho e Fiore (2005) que, ao investigar o tempo livre e as práticas culturais na região metropolitana de São Paulo, constataram que 98,7% dos entrevistados tinham práticas domiciliares.

O “cinema” foi considerado a terceira opção mais escolhida, com 31 (56%) respostas ao total do grupo de “muito freqüente”. Esse foi outro resultado bimodal, sendo que ambas as opções, 3 e 4, foram escolhidos 17 (30%) vezes. Isso reforça outros estudos como o Instituto DATAFOLHA (2008) que investigou os hábitos de consumo no mercado de entretenimento em 10 Regiões metropolitanas: São Paulo, Rio de Janeiro, Campinas, Belo Horizonte, Curitiba, Porto Alegre, Salvador, Recife, Fortaleza e Brasília. Das respostas, 48% dos entrevistados afirmaram frequentar o cinema, sendo que 74% dos entrevistados apontaram a segurança e 73% à facilidade de acesso na localização dos cinemas como motivo para escolha. Comparando o cinema ao teatro, que obteve como resultado a opção “pouco frequente”, 19 (34%) das respostas, o Instituto DATAFOLHA (2008), concluiu que 41% dos entrevistados avaliaram o cinema como barato em relação ao teatro. O preço pode ser um fator determinante na escolha entre os dois locais, reforçando o resultado dos questionários. Porém, na pesquisa do IBOPE (2012), sobre o hábito de frequentar teatro ou óperas em regiões metropolitanas de nove capitais brasileiras, Belo Horizonte igualou-se a Rio de Janeiro na assiduidade de frequentar o teatro. No resultado, ambas as cidades obtiveram 15% de respostas que afirmaram ter ido ao teatro/opera nos últimos 30 dias.

Pela análise da frequência dos locais, foi possível perceber que há uma predominância de escolha pelos espaços/equipamentos privados. Por segurança, facilidade entre outros fatores. Resgatando uma questão histórica, Aboin (2012) dialoga essa dicotomia entre público e privado a partir de uma perspectiva de gênero. Sabendo que à mulher cabia a privação da casa e seus afazeres, enquanto ao homem era permitido o que era público, surge como possibilidade, sob a ótica do lazer, que esse resultado faça parte dos resquícios de uma diferenciação de gênero historicamente construída. Além do que, a oportunidade de frequentar um equipamento público de lazer varia pela quantidade e qualidade dos espaços oferecidos, assim como a possibilidade de deslocar-se até ele (PELLEGRIN, 1996). Belo Horizonte, sendo uma capital, sofre os problemas de toda grande cidade, atualmente há disponível para a população cerca de 70 parques, 20 museus, 500

praças, mas seria esse número suficiente? O que justificaria a baixa frequência nesses espaços?

Foi possível perceber que os parques e praças foram as opções de espaços públicos mais frequentadas, porém não foi um resultado expressivo. Dos espaços públicos, as praças e os parques obtiveram o total de 19 (34%) respostas em “pouco frequente” variando com 21 e 23% entre razoalmente e muito frequente respectivamente. Poderia se atribuir esse evento à maneira com que a cidade está sendo organizada?

As cidades priorizam a cada dia mais o trafego de veículos, poluindo visualmente, sonoramente e ambientalmente os diferentes espaços públicos. Articulam seu funcionamento em função do horário de trabalho da população, não deixando opções de escolhas. Para além dessa perpectiva, Marcellino (2004) argumenta sobre a democratização do lazer por meio da democratização do espaço, sendo que essa democratização não se limita em disponibilizar o acesso, em ruas, transportes ou gratuidade. Sabe-se que muitas praças hoje se tornam áreas de passagem para a dinâmica apressada das grandes cidades, que em um crescimento acelerado e a falta de prioridade para o lazer no planejamento, tornam as práticas de determinados tipos de lazer mais difíceis.

> O empobrecimento da paisagem urbana que vem se verificando como consequência do crescimento desordenado, praticamente anula a gratificação pela contemplação dos espaços urbanos. No entanto, as distâncias percorridas diariamente entre as unidades de habitação, as unidades de trabalho e lazer poderiam se constituir em estímulos para o lazer contemplativo. (MARCELLINO, 2004, p.62)

Em seguida os museus, as bibliotecas e as livrarias mostram que “pouco” são frequentados. Esses resultados nos induz a avaliar a educação dos sujeitos e a cultura da cidade que leve a visitar espaços dessa natureza.

Outra opção que, além de representar o lazer contemplativo, também aborda o conteúdo físico esportivo do lazer, é a opção “Ginásios, estádios e quadras poliesportivas”. Ela obteve uma baixa preferência do público. Em valores absolutos, 32 (58%) disseram “nunca” e 13 (23%) disseram “pouco” optar por ela. Dessa maneira, 81% das respostas apontaram ser “pouco frequentes” aos Ginásios, estádios e quadras poliesportivas.

As boates também não foram escolhidas pela maioria, 21 (38%) disseram que “nunca” vão e 17 (30%) que vão “poucas” vezes. O mesmo acontece com a Boate

GLS, das voluntárias, 32 (58%) optam por não freqüentar ou freqüentar pouco esse local. Esse estudo se limitou a analisar o número de vezes que determinados espaços/equipamentos são utilizados por lésbicas e mulheres bissexuais, porém a apropriação dos espaços GLS é outra possibilidade a ser avaliada. Outro espaço não muito freqüentado nos momentos de lazer são os motéis, 37 (67%) pessoas não escolheram essa opção quanto ao melhor espaço de lazer.

A opção “Mercados e feiras” e “Shopping” foram considerados espaços “semi-privado”. Classificam-se assim por serem espaços de domínio privado, que oferecem segurança e diferentes opções de consumo, contudo, possibilitam a socialização sem que para a permanência do frequentador o consumo seja obrigatório. Eles foram citados dada a importância desse tipo de lazer na organização econômica vigente. Do total, os dois apresentaram um alto número de respostas na opção 3, mostrando indecisão quanto a frequencia desses espaços. “Mercados e feiras” apresentou 41% das respostas na opção “razoavelmente”, enquanto a opção “Shopping” apresentou o resultado de 30% das respostas na mesma opção. O que difere as duas opções votadas é que “Mercados e feiras” obteve 43% respostas no grupo de “pouco frequente” enquanto a opção “Shopping” obteve o mesmo valor na opção “muito frequente”. Sendo assim, a resposta das frequentadoras, apesar de demonstrar uma indecisão, permite analisar que não há definição explicita desse público pelo espaço “semi-privado”.

Seja qual for a organização dos espaços (público, privado ou “semi-privado), fica claro que eles influenciam no tipo e qualidade de lazer das entrevistadas. O lazer é desafiador por proporcionar em um mesmo espaço e ao mesmo tempo a presença de sujeitos tão incomuns. O desafio está na desconstrução de “pré-conceito” para a manutenção do respeito aos direitos do outro. No entanto, quando essas convenções não são devidamente seguidas impede se que as diversidades coexistam e isso traz consigo inúmeras consequências.

O Espaço E O Preconceito

> "A vergonha é uma das mais poderosas máquinas de enquadramento social que existem." (Cristovão Tezza, Cromossomo 21)

Enquadrar-se é "pôr em quadro, emoldurar, encaixilhar, tornar quadrado[10]", ou seja, encaixar as arestas que destoa do comum, em margens que se mostrem retas. É pôr-se contra *queer*[11]. O preconceito não está somente naqueles que agridem, mas parte implicitamente dos próprios agredidos. Como exemplo uma simples expressão, um antigo ditado – "Ponha se no seu lugar!" – é ainda hoje uma forma sutil de perpetuar os diferentes preconceitos camuflados no cotidiano.

Nessa lógica, pôr-se no seu lugar, é enquadrar ou recorrer aos padrões determinados para espaços específicos. Uma pesquisa em Brasília, referindo posturas em diferentes espaços, concluiu que

> "de uma maneira geral, os entrevistados revelaram que um dos principais motivos para freqüentarem locais gays era o fato de, nesses locais, poderem exercer de fato a sua sexualidade, poderem expressar o que os estigmatiza: o seu afeto. Esse fato significa, por si só, a ampla consciência dos entrevistados de que não podem ou não devem exercer a sua sexualidade em qualquer lugar da cidade, pelo contrário, existindo locais específicos para isso" (QUEIROZ, 2008, p.102).

O relato do Questionário 26 retrata esse tipo de situação também em Belo Horizonte:

> "estávamos com outro casal de amigas também lésbicas e essas amigas deram um selinho. Uma mulher que estava dentro do bar (estávamos nas mesas do lado de fora) saiu lá de dentro, veio apontado o dedo na nossa cara e berrando que se quiséssemos fazer 'aquela coisa' que procurássemos um lugar para isso" (QUESTIONÁRIO 26).

---

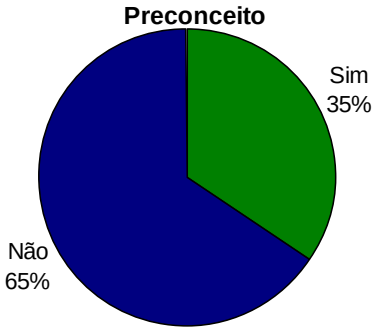
[10] **"enquadrar"**, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, http://www.priberam.pt/dlpo/enquadrar [consultado em 02-10-2013].

[11] "*queer* significa colocar-se contra a normalização" (LOURO, 2001, p. 546).

Vergonha ou medo é possível perceber que há um sentimento promovido pela insegurança que incita uma adequação aos espaços frequentados. A seguir dois depoimentos que retratam essa diferença:

> “apesar de fazer questão de não me esconder, admito que não me sinto totalmente confortável, sempre penso que posso sofrer alguma discriminação. [...] acontece com certa frequencia olhares de censura que me incomodam bastante” (QUESTIONÁRIO 51).

> “não é possível sentir-se á vontade em todos esses lugares. A maneira de se comportar em um bar / restaurante não é a mesma de se comportar em um bar / restaurante GLS, justamente por conta de não saber como o outro público reagirá” (QUESTIONÁRIO 55).



No questionário a seguinte pergunta buscava relacionar as características dos espaços e a existência ou não de violência: “Nestes lugares, você já sofreu algum tipo de agressão física, verbal ou moral em função da sua sexualidade?”. Das respostas, 19 relataram sofrer algum tipo de preconceito e que a coerção verbal foi a ocorrência mais relatada. Desses, dez citaram praças, parques e ruas como locais de agressão, seis citaram bares, restaurantes e residências e dois não identificaram um local específico.

Andrade *et al*. (2009) apresenta o espaço público como um espaço de transições constantes de poder, “nos espaços públicos, as diferenças sociais e as hierarquias são temporárias e relativamente suspensas, porque ali todos têm direitos iguais no que se refere ao uso e à apropriação do espaço” (ANDRADE *et al*., 2009, p.133). Porém, fatores históricos de preconceito como a heteronormatividade[12] e o sexismo[13] causam uma ruptura dessa organização temporária e torna o poder

[12] Reforço sociocultural atribuído às relações heterossexuais em detrimento de todas as outras possibilidades de desejos e expressões sexuais (BARBOSA el al., 2013).
[13] É a crença na superioridade e autoridade de um sexo sobre o outro. Geralmente, essa crença é justificada através de características biológicas de cada sexo e no entendimento rígido dos binários homem/mulher e masculino/feminino, sendo que o que é atribuído ao universo masculino adquire mais valor e poder sociocultural do que é atribuído ao universo feminino (LINSEY, 2005 apud BARBOSA el al., 2013).

“permanente” aos que, por esses princípios, se julgam superiores. Isso torna possível compreender porque que nos equipamentos públicos ocorreu o número maior de relatos relacionado à manifestação de violência. Mas não só nos espaços públicos houve relatos de agressão.

Verificou-se, também, a existência de preconceito em equipamentos privados, mesmo que nesses espaços se configure outro tipo de organização. Nesse caso, a relação de consumo se altera e o discurso do “lugar apropriado” se torna mais consistente. É possível perceber que são recorrentes nos depoimentos frases remetendo ao termo “não é lugar” ou “ambiente familiar” para descrever as ações que deveriam ser estabelecidas nos equipamentos privados.

> “Estava com minha companheira em um restaurante, onde fomos abordadas por um garçom, que insinuou que o ambiente que estávamos era familiar e que, portanto não poderíamos demonstrar afeto uma pela outra, digo afeto, porque [...] o que fizemos foi apenas segurar as mãos e darmos um selinho” (QUESTIONÁRIO 10).

> “Bar. Fomos convidados a nos retirar do bar, pagamos a conta e nos retiramos” (QUESTIONÁRIO 16).

Segundo IBOPE (2013) 12% dos homossexuais entrevistados não se assumem perante amigos, sendo que 35% desses alegam que não o fazem por medo de rejeição. Sentimento semelhante pode ser ilustrado em reprovações e atitudes agressivas, no caso dos dois relatos a seguir, o incidente aconteceu a partir de amigos de amigos.

> “Em um show com amigos: sofri reprovação moral por parte de amigos de amigos” (QUESTIONÁRIO 39).

> “Sofri agressão não apenas por ser bissexual, mas por ser mulher. [...] Teve uma vez que fiquei presa no banheiro da casa de um amigo, em uma festa, com um moço que não aceitava que eu negasse estar com ele. Por constrangimento disso ter acontecido na casa de um amigo e ter provocado mal estar, acabei por não registrar queixa” (QUESTIONÁRIO 53).

Percebe-se que no último, há também uma violência provocada por consequencia de valores do sexismo. E que por envolver amigos, “medo de

rejeição", pelo constrangimento causado, é comum, nesses tipos de casos, negar-se a tomar providências de cunho jurídico.

6. CONCLUSÃO

> "Nunca se sabe quando um homofóbico está por perto" (QUESTIONÁRIO 26).

Mesmo diante da insegurança de não está em locais que possibilite a convivência entre iguais e da realidade da violência do preconceito, percebi que houve uma predominância pelos espaços privados, na escolhas das mulheres homossexuais e bissexuais entrevistadas. Elas apontaram ir mais vezes a esses espaços, do que nos espaços públicos ou "semi-privados", possivelmente seja parte da cultura local, frequentar esses espaços. Foi perceptível, também, a contradição entre os números apontados nas escalas de freqüências e os depoimentos. Vale ressaltar que avaliar somente o nível de frequencia de determinados espaços é um retrato pequeno de uma realidade grande e complexa, o que justificaria tal contradição. Dessa maneira, percebe-se a demanda de continuar os estudos a respeito da apropriação dos diferentes espaços de lazer da cidade, por esse público. O ideal é que esses estudos coexistam, dialoguem e se completem, a fim de atualizar o perfil de lazer desse grupo.

Além disso, compreendo que o lazer tem como capacidade recriar e contestar a ordem, por esse motivo, possui inúmeras afinidades com diferentes movimentos sociais. É por isso que esse momento é tão importante na vida de cada sujeito. Mais do que direito, é a manifestação humana que descreve a prioridade do lazer em suas amplas possibilidades de vivências. Que a "educação para e pelo lazer" aconteça de fato e tenha conseqüências infindas. Ciente que a politização dos grupos responsáveis pela movimentação social é uma condição crucial para que a ocupação e a apropriação do espaço aconteçam de forma igualitária. Faço-me ciente também que políticas públicas devam existir a fim de possibilitar a todos e a todas, diferentes oportunidades de lazer. Por fim, anseio que debates aconteçam a fim de diminuir a homofobia e a agressão contra a mulher, que o medo ou nenhum outro sentimento que lese ao outro e que cada um possa exercer seu afeto em diferentes espaços.

REFERÊNCIAS

ABOIN, S. Do Público e do Privado: Uma perspectiva de gênero sobre uma dicotomia moderna. **Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 20, n. 1, p. 95 – 117, jan. 2012.

BALDANZA, M.D. O Mercado de Lazer Para Homossexuais na Cidade do Rio De Janeiro. **II Seminário Internacional de Educação Intercultural, Gênero e Movimentos Sociais 2003.** Florianópolis. Disponível em: <http://www.rizoma.ufsc.br/pdfs/241-of8a-st5.pdf>. Acesso em: 16 de junho de 2012.

BARBOSA, C. *et al.*Restrições ao Lazer Feminino: particularidades das experiências de lazer de mulheres homossexuais. **Licere,** Belo Horizonte, v.16, n.2, jun. 2013.

BOTELHO, I.; FIORE, M. O uso do tempo livre e as práticas culturais na região metropolitana de São Paulo. **Centro de Estudos da Metrópole**. São Paulo, 2005. Disponível em: http://www.centrodametropole.org.br/pdf/t_bb_art.html> Acesso em: 20 de agosto de 2013.

FRANÇA, I.L. Sobre "guetos" e "rótulos": tensões no mercado GLS na cidade de São Paulo. **Cadernos Pagu**. São Paulo, v.28, p.227 - 255, jun. 2007.

GOMES, C.L. **Dicionário Crítico do Lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. 141p.

GÜNTHER, H. Como Elaborar um Questionário, In: Laboratório de Psicologia Ambiental. **Planejamento de Pesquisa nas Ciências Sociais**. Brasília, n.1, 2003.

IBOPE. **Opinião Sobre o Comportamento Homossexual no Brasil**. Disponível em: <http://www.ibope.com.br/pt-br/conhecimento/Infograficos/Paginas/Opiniao-sobre-o-comportamento-homossexual-no-Brasil.aspx>. Acessado em: 10 de outubro de 2013.

IBOPE. **11% da população das regiões metropolitanas brasileiras frequenta o teatro**. Disponível em: <http://www.ibope.com.br/pt-br/noticias/Paginas/11-da-populacao-das-regioes-metropolitanas-brasileiras-frequenta-o-teatro.aspx>. Acessado em: 10 de outubro de 2013.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A Construção do Saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas.** Trad. Heloísa Monteiro e Francisco Settineri. Porto Alegre: Artmed, 1999.

LIBERTOS COMUNICAÇÃO. **Guia GLS BH***.* Disponível em: <http://www.libertos.com.br/?m=Conteudo&cont=GUIASGLS>. Acessado em: 02 de outubro de 2011.

LOURO, G. L. Teoria queer: Uma política pós-identitária para a educação. **Revista Estudos Feministas.** Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 541-553, fev. 2001.

MAGNANI, J.G.C. De Perto e de Dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, v.17, n. 49, p. 11 – 29, jun. 2002.

MARCELLINO, N.C. **Estudos do Lazer: uma introdução**. 2. ed. rev. e aum. Campinas, Editora Autores Associados. 2000. 97 p.

_____ **Lazer e humanização. Campinas:** Editora Papiruss, 1983. 81p.

_____ Lazer e Sociedade: algumas aproximações. In: **Lazer e Sociedade: múltiplas relações***.* Campinas: Editora Alínea, 2008. p. 12-26.

_____ **Políticas Públicas Setoriais de Lazer: o papel das prefeituras***.* Campinas: Editora Autores Associados, 1996. 133p.

MELO, V.A. **Lazer e Minorias Sociais.** São Paulo: Imbrasa, 2003. 224p.

PELLEGRIN, A. Equipamentos de Lazer. In GOMES, Christianne Luce (Org). **Dicionário Crítico do Lazer***.* Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 69-73.

_____ Espaço de Lazer. In GOMES, Christianne Luce (Org). **Dicionário Crítico do Lazer.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 73-75.
_____ O Espaço de Lazer na Cidade e a Administração Minucipal. In MARCELINO, N. C. (Org). **Políticas Públicas Setoriais de Lazer***.* Campinas: Autores Associados, 1996. p. 31-38.

PERUCCHI, J. Eu, tu elas... in the ghetto: os sentidos do homoerotismo feminino sob a óticado território. In: LAGO, Mara Coelho de Souza; [*et al*] (Org.). **Gênero e pesquisa em Psicologia Social***.* São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008. p. 61-74.

PORTAL P.B.H. Agora é oficial: Belo Horizonte é a Capital Mundial dos Botecos. **Sala de Notícias da Prefeitura de Belo Horizonte.** Disponível em : <http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/noticia.do?evento=portlet&pAc=not&idConteudo=29900&pIdPlc=&app=salanoticias> Acessado em: 08 de agosto de 2011.

QUEIROZ, C.M. **Estigmas, guetos e gentrificação: a segregação homossexual em Brasília.** 2008. 119 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia)-Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

TAVARES, M.L. **Na Parada do Lazer: diagnóstico do campo de atuação profissional nas ONGs LGBT de belo horizonte/MG.** 2011. 183 f. Dissertação (Mestrado em Lazer) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.